

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

NOVA REUNIÃO

19 LIVROS DE POESIA

ALGUMA POESIA / BREJO DAS ALMAS
SENTIMENTO DO MUNDO / JOSÉ / A ROSA DO POVO
NOVOS POEMAS / CLARO ENIGMA / FAZENDEIRO DO AR
A VIDA PASSADA A LIMPO / LIÇÃO DE COISAS
A FALTA QUE AMA / AS IMPUREZAS DO BRANCO
A PAIXÃO MEDIDA / BOITEMPO I
BOITEMPO II (MENINO ANTIGO)
BOITEMPO III (ESQUECER PARA LEMBRAR)
e seleção de
VIOLA DE BOLSO / VERSIPROSA
DISCURSO DE PRIMAVERA E ALGUMAS SOMBRAS

Volume II
2ª edição

Jo.
JOSÉ OLYMPIO EDITORA
RIO DE JANEIRO/1985

© Carlos Drummond de Andrade, 1983

Reservam-se os direitos desta edição à
LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA S.A.
Rua Marquês de Olinda, 12
Rio de Janeiro, RJ — República Federativa do Brasil
Printed in Brazil / Impresso no Brasil

ISBN 85-03-00033-4
035

Capa
ISRAEL PEDROSA

Desta 2ª edição de *Nova Reunião*
foram tirados, fora de comércio,
trinta exemplares em papel Vergé,
assinados pelo autor.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

A566n
Andrade, Carlos Drummond de, 1902-
Nova reunião : 19 livros de poesia / Carlos Drummond de
Andrade. 2. ed. — Rio de Janeiro : José Olympio, 1985.

Notas bibliográficas.
Bibliografia.

1. Poesia brasileira I. Título.

CDD — 869.91
CDU — 869.0(81)-1

83-0026

SUMÁRIO

NOVA REUNIÃO 19 LIVROS DE POESIA Volume 2º

A PAIXÃO MEDIDA 516

A folha, 516; A suposta existência, 516; Arte poética, 518; A paixão medida, 519; Os cantores infelizes, 519; Ante um nu de Bianco, 519; A festa do Manguê, 520; Fonte grega, 523; O prisioneiro, 523; A cruz e a árvore, 524; O historiador, 526; Patrimônio, 527; Aparição, 527; Nascer de novo, 528; O nome, 529; Confronto, 530; Memória humana, 530; Antepassado, 531; A corrente, 532; O que viveu meia hora, 532; Evocação, 533; O homem escrito, 533; A morte a cavalo, 534; Água-desfecho, 535; Rífonero divino, 536; Os deuses secretos, 536; Igual-desigual, 537; A palavra, 537; A visita, 538; O marginal Clorindo Gato, 546; Declaração de amor, 555; Versos de Deus, 555; História, coração, linguagem, 557; O poeta, 559.

BOITEMPO I	560
(In) memória, 560.	

CAMINHAR DE COSTAS: Cautela, 560; O ator, 561; Criação, 563; 15 de novembro, 564.

VIDA PAROQUIAL: Ausência, 565; Serenata, 566; O banho, 566; Precisão do encontro, 566; Os assassinos, 567; Terapia ocupacional, 568; Cemitério do Cruzeiro, 568; Cemitério do Rosário, 569; Indústria, 569; Censo industrial, 569; Ordem, 571; O resto, 571.

MORAR: Casa, 572; Depósito, 573; Visita matinal, 574; Recinto defeso, 574; Resumo, 575; Escapate, 575; Copo d'água no sereno, 576; Litanía da horta, 576; Cisma, 576; Liquidação, 577.

BOTA E ESPORA: Chamado geral, 577; Ar livre, 577; Mullinha, 578; O fazendeiro e a morte, 579; Surpresa, 580; Boitempo, 581; Estrada, 581.

NOTÍCIAS DE CLÁ: Herança, 582; O banco que serve a meu pai, 582; Os chamados, 583; Drama seco, 584; Rosa rosae, 585; O criador, 585; Cantiguinha, 585; O preparado, 586.

UM: Etiqueta, 586; Signo, 587; Brasão, 588; Primeiro conto, 588; O diabo na escada, 589; Didática, 589; Fim, 590; Tortura, 590; Queda, 591; Descoberta, 591; Orion, 592; 1914, 592; Gesto e palavra, 596; Repetição, 597; A puta, 598.

PERCEPÇÕES: Água-cor, 598; Três garrafas de cristal, 599; Flor-de-maio, 599; Concerto, 600; País do açúcar, 600; Tempestade, 600; Terrores, 601.

RELAÇÕES HUMANAS: Cortesia, 602; Imperator, 602; Suum cuique tribuere, 603; Visita à casa de Tatá, 603; Ei, bexiga!, 604; Flora magica noturna, 604; Cultura francesa, 605; Orgulho, 605; Primeiro poeta, 606; Primeira eleição, 606; Os excêntricos, 607; Realidade, 608; Coqueiro de Batistinha, 609; A Alfredo Duval, 611.

OUTRAS SERRAS: Parque municipal, 611; Engate, 612; Resultado, 612; O pequeno cofre de ferro, 613; Mestre, 613.

BOITEMPO II (MENINO ANTIGO)	614
<i>Documentário, 614.</i>	

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO: Justificação, 615; Espetáculo, 615; Anta (segundo Varnhagen, von Ihering e Colbaccini), 616; Jacutinha, 617; Música protegida, 617; Malogro, 618; Crônica de gerações, 618; Herói, 619; Muladeiro do Sul, 620; O francês, 621; Doutor mágico, 622; Homem livre, 623; Negra, 623.

FAZENDA DOS 12 VINTÊNS OU DO PONTAL: Propriedade, 624; Casa-rão morto, 624; Salve, Ananias, 625; Bota, 625; Caçamba, 626; Destrução, 626; Nomes, 626; Patêmia de cavalo, 627; Mancha, 627.

REPERTÓRIO URBANO: Paredão, 628; Paisagem (descrita em jornal de 1910), 628; Conclusão, 629; A montanha pulverizada, 629; A rua em mim, 630; O dia surge da água, 630; Império mineiro, 631; O doutor ausente, 632; Portão, 633; Velhaco, 633; Teleograma, 634; Pintura de ferro, 635; Sino, 635; Os gloriosos, 636; Opa, 636; Câmara Municipal, 637; Curral do Conselho, 637; Deveres, 638; Proibições, 639; Rancho, 639; Ferreiro, 639; Tempo ao sol, 640; Imprensa, 640; Correio, 641; Turcos, 642; Caçada, 644; Sina, 644; Doido, 645; Vida vidinha, 645; Passetam as belas, 645; Primeiro automóvel, 646.

O PEQUENO E OS GRANDES: História de clá, 647; Bratúna, 647; Raiz, 648; Andrade no dicionário, 648; Aquele Andrade, 649; Distinção, 649; Escritório, 649; Escrituras do pai, 650; Contador, 651; Suas mãos, 651; Foto de 1915, 651; Irmão, irmãos, 652; O beijo, 653; Inscrição, 654; Sobrado do Barão de Alfié, 655; Porta da rua, 655; Os tios e os primos, 656; Nova moda, 657; Novo horário, 657; Música, 658; Três compeiteiras, 658; Quarto de roupa suja, 659; Quarto escuro, 660; Banho de bacia, 661; Cozinha, 661; Conversa, 662; Os grandes, 663; Memória prévia, 663; Verbo ser, 664; Matar,

664; Assalto, 665; Atentado, 666; Tabuleiro, 666; Fruta furto, 666; Antologia, 667; Achado, 667; Quinta-feira, 668; Rito dos sábados, 669; Marinheiro, 670; Iniciação literária, 671; Assinantes, 671; Primeiro jornal, 671; Biblioteca verde, 672; Prazer filatélico, 673; Beija-flor, 674; Indagação, 675; As pernas, 675; *Le voyeur*, 676; Tentativa, 677; Hortênsia, 678; Mulher vestida de homem, 679; Certas palavras, 680; O padre passa na rua, 680; Confissão, 681; A impossível comunhão, 682; Aspiration, 683; Anjo, 683; Noturno, 684; O cavaleiro, 685; Revolta, 686; Fuga, 686; Inimigo, 688; Comemoração, 688; Cometa, 689; Anjo-guerreiro, 689; Dodona Guerra, 690; A notícia, 691; O inglês da mina, 692; Morto vivendo, 693; Mrs. Cawley, 694; Ombro, 694; Nova casa de José, 695.

BOITEMPO III (ESQUECER PARA LEMBRAR) 696

Intimação, 696.

BENS DE RAIZ: Agriortura, 696; Fazendeiros de cana, 697; Balança, 697; A paz entre os juizes, 698; Litanias das mulheres do passado, 698; Cuidado, 699; Guerra das ruas, 700; Testamento-de-sencanto, 701.

FAZENDA DOS 12 VINTÊNS OU DO PONTAL E TERRAS EM REDOR: O eco, 701; Aquele côrego, 702; *Mélinis minutiflora*, 703; O belo boi de Cantagalo, 704; Privilégio, 705; Inscricões rupestres no Carmo, 705; Mitologia do Onça, 706; Na barra do Cacunda, 707.

MORAR NESTA CASA: Casa e conduta, 709; Porta-cartões, 710; O arco sublime, 711; O som estranho, 712; O vinho, 712; O licoreiro, 713; Estojo de costura, 714; Pesquisa, 715; Acoita-cavalo, 715; Reunião noturna, 716; Canto de sombra, 718; Higiene corporal, 718.

NÓTIAS DE CLÁ: Brasília, 719; Conto de reis, 719; Repouso no templo, 719; Aquele rato, 720; A condenada, 720; O filho, 721; A nova primavera, 722; Chegada, 723; Rejeição, 724; Santo particular, 725; Importância da escova, 726; O excomungado, 727; Romance de primas e primos, 727; O viajante pedestre, 730.

O MENINO E OS GRANDES: Procurar o quê, 732; Solilóquio do caladinho, 733; Coleção de cacos, 734; Dois rumos, 735; Dupla humilhação, 736; O maior pavor, 737; A incômoda companhia do Judeu Errante, 738; Brincar na rua, 739; Briga, 739; O visitante inábil, 740; Tambor no escuro, 740; Bando, 741; Cheiro de couro, 742; Classe mista, 743; Hora mágica, 743; O negócio bem sortido, 744; História de vinho do Porto, 745; Exigência das almas, 746; Escola, 747; Os pobres, 747; Menina no balanço, 748; Febril, 748; A mão visionária, 749; Amor, sinal estranho, 750; Enleio, 750; Sentimento de pecado, 751; Ele, 752.

REPERTÓRIO URBANO: Pedra natal, 753; Tantas fábricas, 754; Desfile, 754; O melhor dos tempos, 755; Poder do perfume, 757; A separação das casas, 758; Chegar à janela, 760; Chupar laranja, 761; O andar, 762; Estampa em junho, 762; Gosto de terra, 763; O ori-

ginal e a cópia, 763; Os charadistas, 764; Os velhos, 764; Arcebispo, 765; São Jorge na penumbra, 766; O bom marido, 766; Morte de novo, 767; A moça ferrada, 768; Noticiário vivo, 768; Abrãozinho, 769; Aniversário de João Pupini, 769; História trágica, 772; Saber incompleto, 773; Resistência, 773; Estigmas, 774; Oração da tarde, 774.

PRIMEIRO COLÉGIO: Fim da casa paterna, 775; Aula de português, 778; Aula de francês, 779; Aula de alemão, 779; Craque, 780; Fíguras, 780; Programa, 781; Ruas, 781; Parque municipal, 782; Apontamentos, 782; Livraria Alves, 783; A norma e o domingo, 783.

FRIA FRIBURGO: Primeiro dia, 785; Segundo dia, 785; Terceiro dia, 786; Lição de poupança, 787; O doce, 787; Começar bem o dia, 788; A decadência do Ocidente, 789; Estréia literária, 789; O rato sem rabo, 790; Cobrinha, 791; Pavão, 792; A lebre, 792; Marcas de gado na alma, 792; Lorena, 792; A banda guerreira, 793; Orquestra, 794; Artistas adolescentes, 794; Sessão de cinema, 795; Verso proibido, 795; Recusa, 796; Inventor, 796; O som da sineta, 797; Enigma, 797; Semem canivetes, 798; Caxerenguengue, 799; Passeio geral, 799; Postos de honra, 802; Campeonato de pião, 802; Dormitório, 803; Direito de fumar, 804; Punição, 806; Arte fulminada, 806; Sa-crifício, 807; Esplendor e declínio da rapadura, 807; Fórmula de sa-dação, 808; Discursos, 808; Retiro espiritual, 809; O colegial e a cidade, 810; Certificados escolares, 812; Adeus ao colégio, 814.

MOCIDADE SOLTA: A casa sem raiz, 817; Dormir na Floresta, 819; Dois fantasmas, 822; Ninfas, 823; Bar, 824; Hino ao bonde, 824; A hora final, 826; Vigília, 826; Presépio mecânico do Pipiripau, 927; O não-dançarino, 827; Doidinhos, 828; A difícil escolha, 829; O grande filme, 829; O lado de fora, 830; Orquestra, 832; Rebelião, 832; O fim das coisas, 833; Parceiro de Bach, 834; O artista, 835; Depravação de gosto, 835; Graça feminina, 835; As letras em jan-tar, 836; Jornal falado no salão Vivacqua, 836; A tentação de com-prar, 838; Três no café, 838; Encontro, 839; Oposição sistemática, 840; Profissão: enterrado vivo, 840; A visita do Rei, 841; O passado presente, 846; Plataforma política, 846; Ode ao Partido Republicano Mineiro, 848; Confeitaria Suíça, 849; A pára-queidista, 850; As moças da Escola de Aperfeiçoamento, 851; Mulher eleitora, 853; Carnaval e moças, 854; Dificuldades do namoro, 857; Praça da Liberdade sem amor, 857; A ilha, 859; Vitória, 860; Estes crepúsculos, 861; Companheiro, 862; Parabéns, 863; A consciência suja, 863; Dia de flor, 866; Final de história, 867; O senhor diretor, 868; Redator de planário, 869; Verbo e verba, 870; O príncipe dos poetas, 870; A língua e o fato, 872.

VIOLA DE BOLSO (Seleção) 873

Inventário, 873; Homem tirando a roupa, 873; A dança e a alma, 874; Obrigado, 875; Invocação com ternura, 876; Canção imobiliá-ria, 876; Maio no Leblon, 877; Soneto da buquingam, 878; Luar em qualquer cidade, 879; Desperdício, 879; Os romances impossi-veis, 879; Caso pluvioso, 880; Assombração, 882; Tempo e olfato,

Boitempo I

(IN) MEMÓRIA

*De cacos, de buracos
de hiatos e de vácuos
de elipses, psius
faz-se, desfaz-se, faz-se
uma incorpórea face,
resumo de existido.*

*Apura-se o retrato
na mesma transparência:
eliminando cara
situação e trânsito
subitamente vara
o bloqueio da terra.*

*E chega àquele ponto
onde é tudo moído
no almotariz do buro:
uma europa, um museu,
o projetado amar,
o conclusivo silêncio.*

CAUTELA

*H*ora de abrir a sessão da Câmara.
O presidente não aparece.
O presidente está impedido.

CAMINHAR DE COSTAS

O presidente está preso
em casa. Monta guarda
junto ao quarto repleto de ouro em pó.

Pode a campanha tilintar,
o sino do Rosário bater e rebater,
o Senado da Câmara implorar
protestar
destituir o faltoso.

O presidente tesoureiro do ouro em pó
tributo do povo à regência trina
vê lá se vai abrir sessão.
Presida quem quiser,
que esse ouro aqui ladrão nenhum virá roubar.

O ATOR

*E*ra um escravo fugido
por si mesmo libertado.
Meu avô se foi à Mata
vender burro brabo fiado.
Chega lá, deita no rancho
para pitar descansado.
Duzentas, trezentas léguas
em macho bem arreado,
por muito que um homem seja
de ferro, fica estrompado.
"Vou dormir, sonhar meu sonho
de cobre e mulher trançado.
Por favor ninguém me amole
que trago dependurado
no arção da sela meu coldre
com pau-de-fogo. Obrigado."
"Dormir tão cedo, meu amo?
se no rancho do outro lado
do rio tem espetac'lo
que há de ser de vosso agrado.
Faz três dias ninguém cuida

na roça e no povoado
senão de ver esta noite
A Vingança do Passado."

Nem mais se recorda o velho
que estava mesmo pregado.
Calça bota, arrocha cinto
e já se vê preparado.
De noite, à luz de candeeiro,
o drama tem outra face.

E como se à letra antiga
outro valor se juntasse.
O rosto do ator imerge
de repente na penumbra
e uma pungência maior
entre cangalhas ressumbra.

Metade luz e metade
mistério, a peça caminha
estranha. Dormem lá fora
a tropa e a besta-madrinha.
Na noite gelada a história
fala de nobres de Espanha
e do dote de uma virgem
conspicua pela sanha
caprina de Dão Fernando.
E depois de mil malícias

o vil exclama: "Calor,
ai calor que abrasa um conde!"
"Que ouço? Que fuça é esta?"
Meu avô salta do banco.
O fidalgo enxuga a testa
que a luz devassa, mostrando
a estelar cicatriz

do seu escravo fugido
bem por cima do nariz.
Empurrando a uns e outros,
meu avô acode à cena
e brandindo seu chicote
(pois anda sempre com ele
em roça, brejão ou vila)
fustiga o conde, sem pena:
"Bacalhau, ai bacalhau

que te abraze o rabo, diabo, então a
Acaba com esta papeata
senão sou eu que te acabo." *Alguém grita: "Vai logo, não
Era uma vez um artista
pelo berço mui dotado.
Ficou a noite mais triste
na tristidão do calado.
Cada qual se retirando
achava bem acertado.
Cumpre-se a lei. Está escrito:
a cada um o seu gado.
Para um escravo fugido
não há futuro, há passado,
pelo quê lá vai o conde
tocando burro e vigiado.
A tropa vai caminhando
pelo Segundo Reinado.*

criação

A alma dos pobres se vai sem música,
mas a dos grandes é exigente.

A Banda Euterpe, logo chamada

por Monsenhor

para chorar o morto conspícuo

— azar — é nova, sem partitura.

Só se pedir à banda rivalizar

Henrique Dias (nome da outra)

recusa, egoísta. Defunto à vista

querendo arte. A tarde emurchece

e Monsenhor

espera, aflito, marcha ou o que seja.

Emílio Soares, maestro, fecha-se

no seu quartinho. Dó ré mi sol...

A Musa baixa, ou Santa Cecília,

dita ao maestro o fúnebre arroubo.

Onze da noite. Dormem os fiéis,
não Monsenhor.



Eis, no silêncio, Clara, a corneta dando o sinal de partida do carcereiro chamando os músicos municipais (são todos guardas municipais) para ensaiar. A banda valente acorda o povo causando pânico e a todo mundo, que novidade igual nunca houve. Como já sofrem, amanhecendo, os de Henrique Dias! As nove, enterro. A frente, a batina de Monsenhor.

Lá vai seguido da Banda Euterpe que toca exausta, com sentimento, luto orgulhoso, o Líbera-Mé, favo da noite, glória de Emílio, dádiva ao morto, que o céu inspira, por Monsenhor.

Jamais um grande se foi sem música e jamais teve outra, ungindo os ares, como esta, grave, de Emílio Soares.

15 DE NOVEMBRO

A proclamação da República chegou às 10 horas da noite em telegrama lacônico. Liberais e conservadores não queriam acreditar. Artur Itabirano saiu para a rua, soltando foguete. Dr. Serapião e poucos mais o acompanhavam de lenço incendiário no pescoço. Conservadores e liberais recolheram-se ao seu infartúrio. O Pico do Cauê ficou indiferente (era todo ferro, supunha-se eterno). Não resta mais testemunha daquela noite para contar o efeito dos lenços vermelhos ao suposto luar das montanhas de Minas. Não restam sequer as montanhas.

AUSÊNCIA

Subir ao Pico do Amor e lá em cima sentir presença de amor.

No Pico do Amor amor não está. Reina serenidade de nuvens sussurrando ao coração: Que importa?

Lá embaixo, talvez, amor está, em lagoa decerto, em gruta funda. Ou? mais encoberto ainda, onde se refugiam coisas que não são, e tremem de vir a ser.

O RELÓGIO

Nenhum igual àquele.

A hora no bolso do colete é furtiva, a hora na parede da sala é calma, a hora na incidência da luz é silenciosa.

Mas a hora no relógio da Matriz é grave como a consciência.

E repete. Repete.

Impossível dormir, se não a escuto. Ficar acordado, sem sua batida. Existir, se ela emudece.

Cada hora é fixada no ar, na alma, continua soando na surdez. Onde não há mais ninguém, ela chega e avisa varando o pedregal da noite.

Boitempo II (Menino Antigo)

DOCUMENTÁRIO

No Hotel dos Viajantes se hospeda incógnito.
lá não é ele, é um mais-tarde sem direito de usar a semelhança.
Não sai para rever, sai para ver o tempo futuro
que secou as esponjeiras e ergueu pirâmides de ferro em pó onde uma serra, um clã, um menino literalmente desapareceram e surgem equipamentos eletrônicos. //
Está filmando seu depois.
O perfil da pedra sem eco.
Os sobrados sem linguagem.
O pensamento descarnado.
A nova humanidade deslizando isenta de raízes.
Entre códigos vindouros a nebulosa de letras indecifráveis nas escolas: seu nome familiar é um chiar de rato sem paiol na nitidez do cenário solunar.
Tudo registra em preto-e-branco afasta o adjetivo da cor a cançoneira da memória o enternecimento disponível na maleta.

614

A câmara
olha muito olha mais
e capta
a inexistência abismal
definitiva/infinita.

PRETÉRITO
MAIS-QUE-PERFEITO

JUSTIFICAÇÃO

Não é fácil nascer novo.
Estou nascendo em Vila Nova da Rainha, cresço no rasto dos primeiros exploradores, com esta capela por cima, esta mina por baixo.
Os liberais me empurram pra frente, os conservadores me dão um tranco, se é que todos não me atrapalham.
E as alianças de família, o monsenhor, a Câmara, os seleiros, os bezerros mugindo no clarisco, a bota, o chão vendido, o laço, a louça azul chinesa, o leite das crioulas escorrendo no terreiro, a procissão de fatos repassando, calcando minha barriga retardária,
as escrituras da consciência, o pilão de pilar lembranças. Não é fácil nascer e agüentar as consequências vindas de muito longe preparadas em caixote de ferro e letra grande.
Nascer de novo? Tudo foi previsto e proibido
no Antigo Testamento do Brasil.

ESPETÁCULO

Foi Saint-Hilaire, o sábio-amante da natureza, o vê-tudo,

615

Boitempo III (Esquecer para Lembrar)

INTIMAÇÃO

— *Você deve calar urgentemente
as lembranças bobocas de menino.*
— *Impossível. Eu conto o meu presente.*
Com volúpia voltei a ser menino.

BENS DE RAIZ

AGRITORTURA

Amanhã serão graças
de museu.

Hoje são instrumentos de lavoura,
base veludosa do Império:
"anjinho",
gargalheira,
vira-mundo.

Cana, café, boi
emergem ovantes dos suplições.
O ferro modela espigas
maiores.
Brota das lágrimas e gritos
o abençoado feijão
da mesa baronal comendadora.

FAZENDEIROS DE CANA

Minha terra tem palmeiras?
Não. Minha terra tem engenhocas de rapadura e cachaca
e açúcar marrom, tiquinho, para o gasto.
Canavial se alastra pela Serra do Onça,
vai ao Mutum, ao Sarcundo,
clareia Morro Escuro, Queixadas, Sete Cachoeiras.
Capitão-do-Mato enverdece de cana madura,
tem cheiro de parati no Bananal e no Lava,
no Picarrão, nas Cobras, no Toco,
no Alegre, na Mumbaga.
Tem rolete de cana chamando para chupar
nas Abóboras, no Quenta-Sol, nas Botas.
Tem cana caiana e cana crioula,
cana-pitu, cana rajada, cana-do-governo
e muitas outras canas de garapas,
e bagaço para os porcos em assembleia grunhidora
diante da moenda
movida gravemente pela junta de bois
de sólida tristeza e resignação.

As fazendas misturam dor e consolo
em caldo verde-garrafa
e sessenta mil-réis de imposto fazendeiro.

BALANÇA

De chifres de veado é feita esta balança
de pesar carne-de-vento.
É o peso uma pedra, e outra pedra e outro quilo
vão recortando o boi em severa medida.
Ninguém furta no peso. O sol, o sal da carne
brilham qual brilha a pedra neste jogo
em que o senhor da natureza e do mercado
se curva à fome, juiz maior de outra balança
maior, maior de todas destes matos-dentro.